

EVOCAÇÃO

Morreu o *Ti Manel Cavalheira*, um mestre em saberes do mar

José de Azevedo

No passado dia 15 de Setembro, dia de Nossa Senhora das Dores a quem tanto tantas vezes recorreu e por quem tinha grande devoção, morreu, com 87 anos, o pescador Manuel Agonia Rajão conhecido na comunidade poveira como o *Ti Manel Cavalheira*. Era o decano dos *pescadores-de-respeito*, um “catedrático” nos saberes do mar. Numa antiga conversa junto à “Fé em Deus”, a lancha “filha” do Manuel Lopes mas que ele apadrinhara e acompanhara com os seus conselhos desde a primeira hora, dizia-me: “tenho muito respeito pelo mar mas não lhe tenho medo!”.

Num trabalho criterioso de Manuel Costa, a Biblioteca Municipal da Póvoa abriu ao público uma saudosa evocação da vida e obra do velho (e sábio) pescador, cuja vivência e saber serviu de tese de doutoramento do Dr. Luís Martins, professor do Centro de Estudos de Antropologia Social da Universidade Católica Portuguesa, em Lisboa. Durante largos meses vivendo em sua casa, o Dr. Luís Martins acompanhou o dia-a-dia do conselheiro da lancha, ouviu histórias do mar da Póvoa, estudou os seus costumes, a sua linguagem, os nomes específicos dos

pesqueiros tradicionais e apetrechos marítimos.

Manuel Agonia Rajão, nasceu na Rua António da Silveira (antiga Rua da Bandeira) a dois passos da Fortaleza, no dia 24 de Fevereiro de 1924. Aos 11 anos já andava ao mar nos barcos de seu pai, o heróico Tomás Cavalheira imortalizado nos azulejos do paredão do cais Norte, da autoria de Fernando Gonçalves. Uma das embarcações foi comprada por Leitão de Barros para o filme “Ala Arriba” de quem foi figurante como naufrago da “São José” à entrada da barra, tendo como arrais o mestre Carrancha. A sua coragem na entrada, ou saída, da barra com mau tempo era conhecida na comunidade piscatória assim como o seu arrojo no salvamento a naufragos.

Foi, ele próprio, vítima de alguns naufrágios e de todos eles escapou, salvando mesmo alguns dos seus camaradas. Um dia contou-me uma história de um dos seus temerários salvamentos. Estava ele junto ao Castelo (Fortaleza) a ver o mar quando descobriu um naufrago, a uns bons cinquenta metros do areal, esbracejando na água pedindo socorro. Fazia parte da tripulação do barco do *Ti Antone Morte* que se virara pouco tempo antes. O *Ti Manel* nem hesitou: correu para a língua



Arquivo

Ti Cavalheira entre o filho Manuel Rajão e Macedo Vieira, no 20.º aniversário da lancha

da maré, despiu alguma roupa e atirou-se à água revolta com forte ressaca. Em braçadas largas o *Ti Manel* foi nadando orientando-se pelos gritos. Chegado perto do naufrago, abraçou-o e disse-lhe: “eu não te vou deixar morrer, meu irmão!” E abraçado ao desfalecido pescador trouxe-o com muito custo para terra, chegando à praia, ao nascer da manhã. Como vinham nus e exaustos dirigiram-se então a casa da *Tia Teresa do Pinguinhas* para lhes dar algum agasalho. Aí mesmo receberam roupas e foram aquecidos com botijas

de água quente e uns bons copos de aguardente. Remédio santo para dar vida ao naufrago e conforto ao *Ti Cavalheira*.

Depois de reformado da vida do mar, *Ti Manel*, ex-mestre e proprietário do “*Estrela dos Mareantes*” era uma referência para a autarquia poveira. Não havia cortejo etnográfico ou representação da lancha onde não se apresentasse com a roupa branca e catalão, e peito coberto de medalhas. No passado sábado, três de Setembro, aquando do 20.º aniversário da “Fé em Deus”,

Lancha Poveira do Alto, Macedo Vieira, presidente da Câmara, entregou ao *Ti Cavalheira* – que fez parte da primeira tripulação – um crachá de prata comemorativo, representando a lancha aniversariante. Foi a derradeira homenagem da autarquia a um homem que vivia a Póvoa como ninguém. Por ironia do destino, poucos dias depois o *Ti Manel* falecia. No funeral, bastante concorrido, e numa atitude que enobrece a autarquia, a Câmara fez-se representar pelo vice-presidente, Aires Pereira, Luís Diamantino, vereador da cultura, Andrea Silva, vereadora da Acção Social e Manuel Costa, director da biblioteca. Para além de outras individualidades e representantes de associações, destaque-se a presença de Luís Martins, professor universitário, em Lisboa, e Manuel Agonia Areias, mestre da lancha poveira. A urna seguiu para o cemitério municipal coberta com a bandeira da Póvoa e do Varzim, já que o *Ti Manel* era emblema de ouro do clube. Ditosa cidade que não se esquece dos seus filhos queridos.

O *Ti Cavalheira*, ultimamente a residir em Aver-o-Mar fazia questão de passar o seu tempo no Bairro Sul, junto à Lapa, onde residiam filhos, netos, bisnetos e trinnetos, uma numerosa família que se dividia por duas alcunhas: *Barbosas* e *Cavalheiras*. Para além de ser um “Poveirinho pela Graça de Deus”, Manuel Agonia Rajão era um chefe-de-família adorado e prestigiado.

A Póvoa vai sentir saudades deste respeitado pescador para quem os saberes do mar não tinham segredos.